



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17680 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais -N

GÊNERO E RAÇA NO CURRÍCULO DE SERGIPE: UM OLHAR PARA AS MULHERES NEGRAS

Renata Ferreira dos Santos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Acassia dos Anjos Santos Rosa - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

GÊNERO E RAÇA NO CURRÍCULO DE SERGIPE: UM OLHAR PARA AS MULHERES NEGRAS

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho escolhemos analisar o Currículo de Sergipe, visto que de acordo com Tomás Tadeu da Silva o currículo é território, sendo reflexo da educação que se almeja, e exercendo relações de poder. “O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade” (Silva, 2005, p. 150).

Sendo assim, o currículo, reverbera o seu entorno, considerando as individualidades e peculiaridades dos envolvidos. Dentro deste contexto e das condições sociais oferecidas, alguns indivíduos estarão numa posição social mais ou menos favorável que outros. Aspectos como o gênero, a etnia, a raça, a classe, a idade, a nacionalidade, religião e outros atributos podem resultar em diferentes graus de opressão e discriminação, ao mesmo tempo, estas questões também impactarão na forma como cada um vivenciará experiências diferenciadas no seu processo educacional. De acordo com Collins e Bilge (2021), "a interseccionalidade como ferramenta analítica é necessária porque a desigualdade não é a mesma para todos". Nesse sentido, o intuito desta pesquisa é analisar qual o lugar das mulheres negras no Currículo de Sergipe (2022), considerando as interseccionalidades apresentadas.

A partir do exposto, ressaltamos que há diversos problemas sociais

enfrentados pelas mulheres, tendo em vista o processo histórico de não reconhecimento de seu trabalho, tanto profissionalmente, quanto dentro da família. Axel Honeth (1992), afirma que o reconhecimento está ligado ao provimento de direitos e dignidade, assim como este é um fator substancial para a criação de uma identidade social. Dentro deste aspecto, questionamos quais as representatividades que são possíveis de encontrar no currículo de Sergipe, em busca de histórias diversas, que fujam de histórias únicas, conforme explicita Adichie “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (2019, p. 14). Esta reflexão é substancial na tentativa de desvendar os resultados oriundos destas questões, no processo educacional das crianças e adolescentes, sobretudo negras.

Neste contexto, o intuito deste texto é realizar um recorte da representatividade feminina negra no currículo, a fim de identificar quais outras histórias podem ser contadas no documento analisado, que fujam de histórias únicas, conforme aponta Adichie (2019) atribuindo-as outros papéis. A inserção da mulher na esfera educacional, não a eximiu dos demais problemas sociais enfrentados decorrentes do fato de ser mulher, assim como não a igualou ao público masculino, tornando-se um desafio a preparação e dedicação aos estudos e o enfrentamento de fatores adversos, decorrentes do fato de pertencerem ao gênero feminino. Além disso, também é importante ressaltar a diversidade dessas mulheres, de modo a apresentar diversas representações de classe, raça, etnia, sexualidade, entre outros.

A distribuição desigual de tarefas domésticas dentro do âmbito familiar, gravidez precoce, sexualidade, experiências de violência que traumatizam e podem se tornar questões de ordem psicológica e mental, são fatores que contribuem para distorção escolar, assim como podem impedir a progressão dos estudos, fazendo com que estudantes do sexo feminino, seja cis ou trans, enfrentem problemáticas específicas pelo fato de serem mulheres e tenham mais dificuldades para se dedicarem aos estudos, acarretando num menor desempenho acadêmico, ou ainda gerando consequências emocionais que as afetarão ao longo de suas vidas.

Este estudo é parte da dissertação de mestrado em andamento, intitulada “O papel social das meninas no âmbito escolar: uma análise interseccional” em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

2 DISCUSSÕES DA PESQUISA

Com intuito de explorar os detalhes que influenciam no processo escolar do

público feminino, este estudo visa analisar o papel social das meninas negras, a partir da análise prévia do Currículo Sergipano (2023). Lemos (2022) enfatiza que tanto a família quanto a escola devem compreender e trabalhar juntas para ajudar as estudantes no processo de educação. Dessa forma, as expectativas sociais e as obrigações que as mulheres têm em suas famílias podem afetar sua motivação, tempo disponível para estudar e, portanto, seu desempenho acadêmico. Fatores como exposição a diversas formas de violência, muitas vezes dentro do próprio núcleo familiar, empurram as mulheres, sobretudo as pretas, grupo socialmente mais vulnerável e ainda mais exposto a essas problemáticas, para o papel de cuidado para com os outros.

Segundo balanço feito em 2019 e publicado em 2020, pela Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, 43% das mulheres que buscaram este serviço, vítimas de violência, se declararam pardas, enquanto as que se declararam brancas, representavam apenas 37% das mulheres (Brasil, 2020). “Essas crianças crescem sendo expostas e absorvendo diversas imagens que as relacionam com diversos aspectos negativos, como o cuidado dos outros às custas de seu próprio autocuidado, a falta de amor, e a servidão, inclusive sexual” (COLLINS, 2000). Sendo assim, a influência da família e todo contexto social que envolve a estudante, são fundamentais para o desenvolvimento do sentimento de autovalor, identidade e motivação, bem como para o alcance das ditas métricas do sucesso escolar.

Analisando o processo histórico de inserção das mulheres no cenário da educação, percebemos que também neste âmbito, elas são preteridas em relação aos homens, que no geral, possuem acesso de controle ao mecanismo social. Philippe Ariès faz referência às diferenças sociais entre meninos e meninas em sua obra "História Social da Criança e da Família". Ele observa que inicialmente, somente os meninos das famílias nobres e burguesas tinham acesso ao processo de reconhecimento da infância como uma fase separada da vida adulta. As meninas permaneceram à margem desse processo por um longo período, tanto no que se refere ao uso de trajes infantis quanto ao acesso à educação escolar (Ariès, 1981). Esta observação é útil para entender como as diferenças de gênero e de classe foram construídas na socialização e na educação das crianças e como isso pode ter afetado o papel social das meninas ao longo do tempo.

Em perspectiva semelhante, Oyěwùmí (1997) afirma, em seu livro 'A Invenção das Mulheres', que:

Está bem documentado que as categorias de macho e fêmea na prática social ocidental não estão livres de associações hierárquicas e oposições binárias nas quais o macho implica privilégio e a fêmea, subordinação. É uma dualidade baseada na percepção do dimorfismo sexual humano inerente à definição de gênero. A sociedade iorubá, como muitas outras sociedades em todo o mundo, foi analisada com conceitos ocidentais de gênero,

assumindo que o gênero é uma categoria atemporal e universal. (Oyéwùmí; Tradução: Nascimento, 2021, p. 111)

Pode-se concluir que as expectativas sociais e papéis impostos às meninas no âmbito familiar podem ser interpretados como parte de uma imposição ocidental, onde o papel do feminino está em caráter de submissão ao masculino. Muitas culturas minoritárias tiveram seus conceitos sociais de gênero impostos pela cultura ocidental, não compatíveis com as normas e costumes locais. Este fato pode ter resultado em conflitos de identidade e expectativas, e ter influenciado o modo como as meninas são concebidas de uma perspectiva social.

Meninas pertencentes às classes minorizadas enfrentam diversos obstáculos como resultado das interseccionalidades de gênero, raça e classe social. Elas, muitas vezes, estão sujeitas à socialização de gênero no âmbito familiar e social, que impõem expectativas tradicionais e limitam suas experiências e oportunidades. No Brasil, as representações femininas ainda enfrentam obstáculos estruturais e culturais para a equidade de gênero na educação. De acordo com Sígolo, Gava e Unbehaum (2021) é imperativo que políticas públicas e programas educacionais incentivem a inclusão e o reconhecimento das mulheres na educação e nas ciências, pois isso ajudará a construir uma sociedade mais justa. Estratégias que valorizem a diversidade racial, combatam o preconceito de gênero e promovam a participação feminina em todos os níveis do processo educacional e científico, são necessárias para superar esses problemas (Sígolo, Gava, Unbehaum, 2021).

Simone de Beauvoir, em sua obra intitulada “O Segundo Sexo”, cita a seguinte frase: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Esta citação enfatiza que o papel social das meninas nas famílias é algo construído socialmente e pode-se obter disto as implicações para o desenvolvimento escolar deste grupo. Beauvoir sustenta a ideia de que a identidade de gênero não é um destino biológico ou mental inato, mas sim uma construção social. Este entendimento é fundamental para compreender como o processo de ensino e aprendizado das alunas, em especial às que se encontram em vulnerabilidade social, é moldado por expectativas e normas sociais.

2.1 Materiais e métodos

Tendo em vista compreender as questões enfrentadas por meninas negras da educação básica, a partir da representatividade da mulher negra no currículo de Sergipe (2022), esta pesquisa utilizará uma abordagem quantitativa. Neste caso, a intenção é realizar uma pesquisa que examinará um fenômeno específico em seu contexto real.

Minayo (1992) afirma que uma análise qualitativa deve ser baseada em uma compreensão e interpretação da experiência, do senso comum e da ação social. Além disso, a autora propõe a "combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista, através do trabalho conjunto de vários pesquisadores, de múltiplos informantes e múltiplas técnicas de coleta de dados". Para validar a pesquisa qualitativa, a análise triangular pode ser particularmente útil no contexto desta pesquisa.

Fizemos uma análise do currículo de Sergipe a partir das entradas "mulher" e "negra", a fim de compreender como a mulher, sobretudo a negra está sendo representada no currículo de Sergipe. Dessa forma, essa pesquisa se caracteriza como documental, uma vez que analisamos o Currículo de Sergipe e interpretativista, pela qual "não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina: o mundo social é tomado como existindo na dependência do homem" (Moita Lopes, 1994, p. 331). Dessa forma, problematizaremos e identificaremos as variáveis dos dados observados

O currículo de Sergipe do ensino Médio possui 571 páginas, e está formulado a partir da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). No total foram 19 avaliadores, divididos em treze disciplinas: Arte, Educação Física, Língua Espanhola, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Matemática, Biologia, Química, Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Tais disciplinas foram agrupadas nas quatro grandes áreas determinadas pela BNCC: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e sociais aplicadas. Além disso, o currículo possui apresentação, texto introdutório, como também os organizadores curriculares para a formação geral básica e atividades integradoras para os Itinerários formativos propedêuticos, além dos itinerários formativos para formação técnica profissional.

Este estudo, ainda em fase inicial, analisou preliminarmente a palavra "negra" presente no currículo para compreender as redes interpretativas de sentido que tal palavra gera no currículo analisado. No total, encontramos 28 ocorrências da palavra "negra", concentradas principalmente na parte do currículo denominada 'Itinerários formativos propedêuticos'. Onze ocorrências do vocábulo "negra" usam ou indicam referências bibliográficas de autores negros, como por exemplo, Lélia Gonzáles, Frantz Fanon, Barbara Carine e Kabengele Munanga. Dessa forma, ainda que não esteja presente em todos os conteúdos do documento, há a presença de grandes pensadores negros desta geração. Nos itinerários de linguagem relacionados à literatura, por exemplo, são indicadas as obras de leitura:

Companhia das Letrinhas. Acessado “O pequeno príncipe preto”, Rodrigo França – Ed. Nova Fronteira. “Caderno de rimas do João”, Lázaro Ramos – Ed. Pallas.- Romance Histórico: “Água de Barrela” e “O crime do Cais do Valongo”, Eliane Alves Cruz – Ed. Malê.- Romance: “Olhos D’água”, Conceição Evaristo – Ed. Pallas. “Torto arado”, Itamar Vieira Junior – Ed. Todavia.- Relatos: “Senti Na Pele”, Ernesto Xavier – Ed. Malê. “Fala, crioulo”, Haroldo Costa – Ed. Record (Sergipe, 2022, p. 217)

Assim, percebemos a presença da literatura negra, com representação de mulheres, a exemplo de Conceição Evaristo e Eliane Alves Cruz. Na sequência da análise, encontramos a atividade integradora do itinerário de Língua Espanhola intitulado “*Mosaico hispánico: identidades de classe, género, raza y etnia*”, encontramos objetos de conhecimento voltados para a interseccionalidade que se configuram em sugestões de trabalho com os discentes:

Nesta atividade integradora, os objetos de conhecimento serão contemplados a partir de três blocos: Classe – Periferias latino-americanas: vozes e práticas marginalizadas de diferentes comunidades; Género – Igualdade nas relações de género: por uma educação antissexista e antimachista; Diversidade sexual: respeito às diferenças sexuais e combate à homofobia; Raça e Etnia – Vozes negras e representatividade: por uma educação antirracista; Branquitude e privilégios; Povos Indígenas: lutas e resistências na América Latina contemporânea; Migrantes e refugiados hispânicos: heranças étnicas e processos de integração social (Sergipe, 2022, p. 247).

Com isso, destacamos as possibilidades de inserção de representações de mulheres negras a partir da proposta. Também é possível encontrar a visibilização de vozes negras nos itinerários de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas a exemplo do tema da atividade integradora: “Formações sociais africanas” que evidencia valores, crenças, diversidade de povos e do território africano. Destacamos aqui, que um dos focos de trabalho consiste no “feminismo negro e estudos de género” (Sergipe, 2022, p. 412), possibilitando discussões que fujam do padrão europeizado em sala de aula.

Por fim, evidenciamos a proposta de atividade integradora de Ciências da Natureza e suas Tecnologias que busca visibilizar as mulheres na ciência, conforme excerto: “Dessa forma, torna-se invisível o nome de mulheres negras, como a química Alice Ball, que criou o primeiro tratamento eficaz contra a hanseníase e a física, engenheira e astronauta Mae Jemison, a qual foi a primeira mulher negra a viajar ao Espaço.” (Sergipe, 2022, p. 326). Mais uma vez, a mulher negra ganha cena, não apenas em papéis subalternizados, mas em ambientes de prestígio intelectual, tal qual é a ciência.

Dessa forma, podemos afirmar que a partir da análise do termo “negra” percebemos que há a presença de representatividade de mulheres negras no

currículo de Sergipe, sobretudo nas atividades integradoras aqui analisadas. Como continuidade a esta pesquisa, buscaremos evidências a partir dos termos “mulher” que aparece 72 vezes no currículo, bem como a palavra “afro” aparecem 44 vezes. Salientamos, que não basta que tais propostas estejam no currículo, mas é preciso que cheguem ao cotidiano escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente no qual o indivíduo se encontra inserido, é determinante para sua formação integral. Não adianta se preocupar com o que ocorre dos muros da escola para dentro, se não olhamos para os fatores externos que cercam aqueles que a frequentam. Assim, o currículo deve refletir as práticas sociais, trabalhando com temáticas da sociedade contemporânea. Desse modo, promover equidade social é também papel da escola enquanto instituição e ter um olhar diferenciado para questões que afetam de forma bem específica o público feminino, é uma tentativa de promover uma escola mais igualitária e acessível.

Este estudo busca demonstrar representações de mulheres negras no currículo de Sergipe, a partir de relações de problemas sociais, culturais e econômicos que vão além das interações escolares. A interseccionalidade entre gênero, classe social e etnia revela-se como substancial para se compreender os desafios que estas alunas enfrentam, conforme vimos da atividade integradora B de língua espanhola, além disso, é possível destacar a mulher na literatura, como também sua contribuição para a ciência mundial. Desse modo, como uma ferramenta de transformação social, a escola deve reconhecer e agir ativamente para diminuir essas disparidades.

Portanto, é perceptível que a promoção da equidade de gênero e raça na educação é uma questão de justiça social e de desenvolvimento humano integral ao considerar as questões aqui discutidas. A escola é o ponto de partida para a construção de uma sociedade mais igualitária, pois permite que as próximas gerações aprendam a valorizar a diversidade e a combater as discriminações, que afetam o público feminino. Para construir um futuro em que a educação seja verdadeiramente inclusiva e equitativa para todos, a pesquisa e o debate sobre essas questões devem ser amplamente discutidos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. **N.O perigo de uma única história**. São Paulo: Companhia das

Letras, 2019.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal. Acesso em: 16ago 2024.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Balanco Ligue 180: perfil mais comum de vítima é mulher parda, solteira e com 25 a 35 anos**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/junho/balanco-ligue-180-perfil-mais-comum-de-vitima-e-mulher-parda-solteira-e-com-25-a-35-anos>. Acesso em: 12 ago. 2024.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. [São Paulo: Boitempo, 2021](#)

LEMOS, R. H. S. **Estudo exploratório acerca da relação entre família e escola na educação infantil**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 101 fl. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco. 1992.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 10(2). 1994

OYĔWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021. [324 p.](#)

SERGIPE. **Currículo de Sergipe** [livro eletrônico]: integrar e construir: ensino médio/ [organização Isabella Silva dos Santos, Mariana Fátima Muniz Soares]. – Aracaju, SE: Secretaria de Estado da Educação do Esporte e da Cultura, 2022.

SÍGOLO, V. M., GAVA, T.;UNBEHAUM, S.Equidade de gênero na educação e nas ciências: novos desafios no Brasil atual1.**Cadernos Pagu**, (63), 2021.
<https://doi.org/10.1590/18094449202100630017>

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005, p. 15 e 150.

Palavras-chave: Educação. Mulher. Negra. Currículo. Interseccionalidade.